



CORDEL É FESTA NO SERTÃO: UM ESTUDO CULTURAL DOS CORDELISTAS PRESENTES NO SERTÃO ALAGOANO

Autores:

Cristovão Augusto da Silva (IFAL)
cristovaofera@hotmail.com

Herbert Nunes de Almeida Santos (IFAL)
herbertnunes@yahoo.com.br

Introdução

A literatura de cordel, segundo Albuquerque (2011) tem raízes oriundas da tradição de se contar histórias que ao longo dos anos viravam textos e foram propagados pela imprensa, datando seus primeiros registros no ano de 1602. A partir daí, sempre mantendo uma estreita relação entre suas formas oral e escrita.

Este gênero literário é uma forma de poesia enquadrada na literatura popular, onde os textos são impressos em folhetos que contêm também ilustrações das obras feitas com a técnica de xilogravura. Tal literatura possui influências espanhola, francesa e portuguesa, sendo esta a principal delas. É de Portugal que surge o termo “cordel”, fazendo referência a forma como eram expostos os folhetos em praças, feiras e mercados populares: pendurados em barbantes (cordéis). Diégues Júnior (2012, p. 18) diz que: “Os inícios da literatura de cordel estão ligados à divulgação de histórias tradicionais, narrativas de velhas épocas, que a memória popular foi conservando e transmitindo”. No Brasil, a região que mais teve receptividade por essa literatura trazida pelos portugueses foi o Nordeste, nos séculos XVI e XVII.

Atualmente, a literatura de cordel, embora escassa, ainda pode ser encontrada nas feiras, bancas de jornais e estações rodoviárias, ou com os próprios cordelistas que, normalmente, viram vendedores ambulantes. Geralmente, os folhetos são de baixo custo e possuem maior circulação na Região Nordeste. Esse gênero literário também vem sendo alvo de inúmeros estudos em escolas e nas Universidades extrapolando os meros limites das comunidades rurais, que já percebem que o tema tem despertado um interesse nos acadêmicos de diversas instituições, sobretudo, pelo caráter cultural presente.

Por entender que abordar e investigar um tema como a literatura de cordel que relaciona a cultura e a história de um povo e, ao mesmo tempo, contribui para o reconhecimento e valorização dessa tradição, objetivou-se com este trabalho investigar e catalogar os cordelistas que residem no sertão alagoano, bem como contribuir para o resgate dessa cultura tão rica e, muitas vezes, tão excluída, além de analisar os lugares de atuação e as influências histórico-culturais desses poetas.



1. Materiais e métodos

A pesquisa tem se dado através de leituras bibliográficas e de campo. Este diálogo tem nos possibilitado conhecer as principais informações preexistentes acerca do tema, assim, nos permitindo amadurecer nossas teorias sobre a categoria Cordel. Primeiramente foram catalogadas algumas obras teóricas, raras, por sinal, que nortearam os caminhos para o desenvolvimento da pesquisa. Em seguida, com análise de campo, tivemos contatos com os artistas que formarão o escopo desta investigação analisando, principalmente seus ambientes de produção, hábitos e interesses pessoais e profissionais, bem como o que os direciona e inspiram no caminho próprio e originalidade de expressão de cada poeta.

A pesquisa de campo aconteceu em cidades do sertão alagoano como (Pão de Açúcar, Santana do Ipanema e Senador Rui Palmeira), onde, conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2010), são municípios que possuem clima semi-árido, uma população residente abaixo de cinquenta mil habitantes e uma média de população alfabetizada de 57%. Em todas as cidades o processo investigativo se deu através da realização de entrevistas semi-estruturadas e produção de documentários.

O primeiro passo foi identificar quais os cordelistas presentes em cada cidade, o que foi uma etapa difícil e, ao mesmo tempo, importante. A dificuldade estava, exatamente, no ponto central que deu início à pesquisa: localizar quem eram estes poetas anônimos de nosso estado, ou ainda, neste anonimato, saber quantos cordelistas existiam e quais eram seus meios de difusão artística. Para a obtenção da localização desses poetas indagou-se moradores de cada um desses municípios.

O segundo passo foi entrar em contato com os cordelistas, o que aconteceu de diferentes maneiras (pessoalmente, via telefone e redes sociais) para ver-se a possibilidade de marcar as datas e locais de encontros, o que aconteceu com uma boa aceitação e de forma espontânea. Localizados alguns cordelistas, começou-se a entrar em contato também com outros artistas dessa arte literária. Neste período, e de forma positiva, foi perceptível o importante papel que a oralidade exerce, ao encontrar os poetas/cordelistas nas cidades sertanejas de Alagoas, conforme tabela 1. Ficamos surpresos em perceber que, mesmo estando no anonimato, muitos cordelistas mantêm contato entre si.

Tabela 1 – Cordelistas do sertão alagoano entrevistados no período de fevereiro a abril do ano de 2014 nas cidades mencionadas abaixo.

Nome	Cidade onde reside
José Roberto Almeida da Silva (Beto de Meirus)	Pão de Açúcar Pão
Enivaldo de Souza Vieira	de Açúcar Santana
Charles Cesar dos Santos	do Ipanema Santana
Silvano Gabriel Pereira de Barros dos Santos	do Ipanema

Fonte – Acervo de pesquisa dos autores

Nos dias e horários previamente marcados, a equipe partiu até os locais combinados, onde, inicialmente, cada poeta assinou um Termo de Autorização de Uso de Imagem e Voz e, assim, prosseguiram-se as entrevistas, fotografias e filmagens, buscando-se em todos os encontros, também, registrar as peculiaridades de cada artista, suas expressões pessoais, as alterações na voz e a interpretação ao recitar os cordéis.

Em momentos posteriores, foram feitas as transcrições das entrevistas dos poetas, realizando-se recortes das falas, bem como as análises das mesmas. Nesse momento, pode-se comparar as declarações dos cordelistas com as bibliografias estudadas.

2. Resultados e discussão

O primeiro cordelista encontrado foi Charles Cesar dos Santos que reside e é professor no Povoado Areia Branca, no município de Santana do Ipanema – AL. Descobrimos que ele utiliza seus cordéis como mais um recurso didático para alfabetizar seus alunos. Seu comprometimento com o processo de ensino/aprendizagem o fez ter a percepção de que a arte poética que possui, falando sobre pessoas e coisas por meio de versos rimados, na estrutura de cordéis, poderia ajudar os discentes a desenvolver habilidades de comunicação e de escrita.

Observou-se que os alunos, nas aulas do cordelista Charles, realizavam comumente recitais poéticos, escreviam e apresentavam cordéis na estrutura de sextilhas, com muita desenvoltura. Uma propagação e um fortalecimento importante desta cultura literária. Este interesse dos alunos evidencia o que o que coloca Luyten (1987, p. 9), ao afirmar que “entre as expressões de cunho popular, as que mais interesse oferecem são as modalidade comunicativas. E entre estas, a poesia ocupa um lugar de destaque pela sua dinamicidade e força de expressão”.

Seu trabalho vem proporcionando uma grande conquista no processo de aprendizagem daqueles alunos e que, conseqüentemente vai muito além dos aspectos mecânicos linguísticos que há anos afligem à educação. É uma procura por um melhor uso da língua, focado em uma melhor forma de expressão e desinibição na aprendizagem, uma busca pela melhoria da qualidade de leitura, escrita e produção textual criativa.

Continuando com o processo de busca, encontramos outro cordelista alagoano, o santanense Silvano Gabriel Pereira de Barros dos Santos, que é teatrólogo, repentista, ator e escritor. O seu livro “O escravo e a sinhá”, escrito, mas ainda não publicado, foi tema de uma novela, por ele produzida, numa escola da Rede Municipal de Ensino, de Santana do Ipanema - AL. Na peça, os alunos atuaram como personagens da história criada por Silvano.



Atualmente, ele desenvolve um trabalho numa escola da Rede Municipal de Ensino, produzindo cordéis com os alunos. Segundo o cordelista, o objetivo maior é o de despertar em seus alunos o dom da arte de escrever com a sabedoria permitida pelas rimas que fornecem a literatura de cordel certo encantamento cultural. Foi importante, durante a entrevista a percepção obtida do conhecimento prático possuído pelo poeta, sobretudo, na propagação de seus conhecimentos.

Em outro momento, porém, já na cidade de Pão de Açúcar - AL, houve o encontro com o poeta Beto de Meirus, que é artesão, escultor, poeta popular, repentista, folclorista e cordelista, como também confecciona peças em couro, especialmente arreios, indumentárias para vaqueiros, sandálias “xô boi”, gibão, chapéus, cintos, bancos e cadeiras, fazendo dele um verdadeiro propagador da cultura sertaneja alagoana.

O poeta tem uma história cultural importante com a literatura de cordel. Em 1990, foi o segundo colocado no Concurso de Literatura de Cordel que aconteceu em Xingó, município de Piranhas-AL, com a poesia "O Fusquinha Imacumbado". Beto de Meirus destaca que foi contemplado, no ano de 2013, com o “Prêmio Gustavo Leite” de melhor artesão do ano; prêmio concedido pelo Museu Théo Brandão e patrocinada pela Secretaria de Cultura do Estado de Alagoas (SECULT). Seus trabalhos ficaram em exposição durante o evento. Também, foi contemplado com o prêmio “Culturas Populares 2007 - Mestre Duda - 100 anos de Frevo”.

Ainda em Pão de Açúcar, encontramos o escritor Enivaldo de Souza Vieira, que é funcionário público aposentado, e considerado por muitos um intelectual, porém, modesto, se diz apenas um rimador, fazendo alusão à sua produção em cordel. Enivaldo afirma ter hoje uma produção entre 800 a 1000 poesias. Entre elas, poesias inéditas em cordel e em outros gêneros literários que ainda não foram publicadas. O artista já publicou na rede social “Facebook” cerca de 30 a 40 poesias, inúmeras sobre figuras de Pão de Açúcar. A maior parte de suas obras foi publicada no final dos anos 90, tendo algumas participado de concursos a nível nacional. Tem poesias publicadas em Antologias em São Paulo, Goiás, Rio de Janeiro, Alagoas, inclusive classificou-se num concurso em Pernambuco com a poesia denominada “O bicho”, em que retrata o órgão sexual masculino, mas sem que, para isso, precisa-se usar palavras pornográficas.

O poeta faz questão de frisar que, para ele, existe o Enivaldo Vieira e existem personagens criados por ele, como o Matutinho, o Gay, o Velhinho e a Criança. Além disso, imita artistas como Valdir Amaral (narrador esportivo), Chacrinha (apresentador) e Leonel Brizola (político).

No município de Senador Rui Palmeira, encontrou-se Gilmária Silva dos Santos, cordelista e professora de teatro na Rede Estadual de Ensino, além de dar aulas de Língua Portuguesa. Em suas aulas, ela utiliza os cordéis como um instrumento metodológico para dinamizar e facilitar a compreensão de seus alunos, relatando que o cordel é uma maneira dinâmica e leve, que dar estímulo e prazer para aprender. Gilmária já produziu vários cordéis, mas, como suas produções foram para terceiros, não obteve os merecidos créditos.

2.1 Raízes poéticas e culturais

O poeta Charles Cesar, quando questionado sobre quais influências recebeu para produzir cordel, responde: “Eu gosto mais da literatura de cordel porque meu avô era repentista e cordelista. A partir dessa convivência com ele, fui começando a pegar esse gosto. Não tenho um conhecimento científico da literatura de cordel, só um conhecimento popular, mas fui adquirindo pouco a pouco esse gosto a partir da convivência com meu avô”. O entrevistado ainda faz questão de frisar que seu avô não tinha estudo, possuindo apenas o conhecimento popular do assunto. Esse conhecimento popular é o que chamamos de oralidade, quando a cultura da literatura de cordel é disseminada entre os indivíduos, e estes vão aprendendo, falando, rimando e improvisando, mesmo sem um estudo de bancada ou científico.

Silvano Gabriel enfatizou que “a questão do cordel foi leitura, porque papai, que não sabia ler, todos os sábados comprava cordel na feira e levava pra gente. Então, tínhamos aquela borda com esteira no terreiro para ler o cordel. E alguém da família lia; depois a gente recontava aquelas histórias, e isso foi me chamando a atenção na forma de como se lia e as estrofes como se davam, que eu acho bonito isso sobre como vai acontecer. Além disso, a leitura me influenciou a escrever”. Cabe aqui analisar um ponto positivo que merece bastante atenção: o fato da propagação da cultura por parte de um pai analfabeto e a disseminação da literatura de forma oral.

“Se, via de regra, os folhetos de cordel e os romances escritos desaparecem, uma vez que forem “consumidos”, eles continuam, contudo, gravados na memória das populações rurais do sertão nordestino. Essas narrativas, originalmente escritas por um autor conhecido, por vezes, repertoriadas pelos pesquisadores, integram-se então às outras histórias da tradição, tornando-se de fato, verdadeiros textos orais” (BERND & MIGOZZI, 1995, p. 83).

Isso demonstra que a inacessibilidade à educação não impediu que a literatura de cordel fosse passada adiante. E um dos papéis mais relevantes dessa literatura é, exatamente, a oralidade, tão marcante e chamativa.

Com Beto de Meirus não foi diferente. Seu pai, além de ensinar-lhe a arte de seleiro, mantida e amada por ele até hoje, também, despertou-lhe o interesse pela poesia. Beto faz questão de destacar que seu pai era poeta, acrescentando: “quando era criança ele já me levava pra fazer versos com os violeiros da época, o contato com esses repentistas era tradicional.”

O fato do pai do poeta ser analfabeto não interferiu na transmissão do conhecimento popular, pois a manutenção da cultura tipicamente nordestina era uma de suas maiores preocupações, conforme declara o filho.

“Nos que provêm do povo há que ter em conta os analfabetos, os de poucas letras e os semiletrados, os do campo e os da cidade, a maior ou menor distância a que aqueles se encontram dos centros urbanos; e, em cada um deles, sua biografia, sua específica concepção da vida” (GUERREIRO, 1978, p. 13).

Gilmária Santos teve influências de amigos e colegas de trabalho, como explicita que: “ao fazer os versos, o pessoal ia gostando e, com isso, eu ia incrementando, transformando em cordel. Na medida em que alguém pede um cordel, mostra que valoriza e que gosta de seu trabalho”.

2.2 Valorização

Durante a pesquisa, um dos aspectos mais colocados pelos cordelistas foi a questão da falta de incentivo a esse tipo de trabalho. Eis um motivo pelo qual tantos artistas desaparecem. Em geral, é limitado o número de pessoas que consideram o cordel como uma fonte de cultura e história de seu povo. O que alegra os artistas é saber que ainda existem os amantes desse tipo de literatura.

Para Charles Cesar falta apoio por parte do Estado, não é impulsionada a produção e publicação de cordéis. Por isso, no início de sua trajetória, viraram apenas pó de giz (fazendo alusão aos cordéis que escreveu nas salas de aula em que estudou), ficaram perdidos nas folhas de caderno por não haver perspectiva de publicação. O próprio poeta complementa, dizendo que, além disso, faltou mais interesse de sua parte também. Mas se tivesse buscado e ouvido falar mais, se houvesse um incentivo maior, talvez viesse a organizar melhor e hoje poderia ter mais publicações.

Questionado sobre o que lhe faz continuar com o trabalho com a arte, Silvano Gabriel afirma que é o reconhecimento do público: “ter livros, e que alguém compre ao menos um durante a semana, isso é importante. O que me motiva é essa paixão. Hoje não sei viver mais sem ser assim”.

Já o poeta Beto de Meirus faz uma reflexão cultural, defendendo o resgate e a conservação da cultura, que está acabando. Segundo ele: “A cultura é desprestigiada. O povo hoje só pensa na evolução do momento. O povo não gosta da história, o povo não quer saber. Se você tiver contando a história de Pão de Açúcar, o ‘cabra’ não quer ouvir. Ele quer ouvir uma música brega, uma coisa diferente, de malandragem”.

Beto de Meirus demonstra sua tristeza e, ao mesmo tempo, repúdio, dizendo não haver mais, nos dias de hoje, sensibilidade nenhuma. Afirma que: “tudo que é feito do passado ou do presente tem que ser respeitado e apreciado. Se é do presente, não vamos discordar, que a música hoje é dos jovens, se é uma banda da Bahia tocando, então vamos assistir. Mas se o momento é de cultura, vamos prestigiar também”.

Já o poeta Enivaldo Vieira destaca que, em relação à literatura de cordel, “não existe apoio nenhum de governo quanto a isso. Infelizmente, os nossos governantes da região, pensam que o que dá voto são questões de resultado imediato, onde participem seus principais eleitores. Então, quando era permitido, eles usavam os artistas populares em suas campanhas, mas não incentivavam essa cultura, simplesmente, eles pagavam por um trabalho de promoção pessoal”.

Dessa maneira, fica evidente a dificuldade em manter vivo o interesse de novos escritores pela produção em literatura de cordel, principalmente quando não há subsídios para isso e nem valorização de poetas já consagrados artisticamente.

“O interesse de todos aqueles que possam de alguma forma contribuir para a sobrevivência do folheto, forte e legítima expressão cultural do nosso povo, hoje ameaçada de extinção, dadas as condições precárias em que vivem os que a fazem, homens em quem não enxergamos apenas o pitoresco ou gênio do artista primitivo, mas seres humanos, que nos parecem dignos de maior atenção, respeito e ajuda do que tem recebido de cada um de nós” (SOUZA, 1976, p. 101).

A poetisa Gilmária Santos também acredita que o cordel é pouco difundido na região sertaneja. Ela enfatiza que: “tem muitos artistas que não divulgam seu trabalho, constroem, mas acaba ficando em *“off”*, não há espaço. E, até mesmo na escola, a gente trabalha, mas é uma coisa muito pontual, num evento... Então, não se trabalha a maneira de se construir cordel, a diferença dos versos e das estrofes. Isso não é trabalhado”.

2.3 Percepções poéticas

Na concepção de Charles Cesar, é possível transformar o interesse da atual e futuras gerações pelo cordel. Ele afirma: “É um sonho meu ver os jovens lendo cordel fluentemente e a escola tem dado suporte, tem ajudado muito e a gente, em contrapartida, vai fazendo a nossa parte, os alunos estão cada vez mais pegando interesse. A gente tem alguns registros em fotos que mostram quando a gente espalha um tapete aqui no chão, coloca almofadas, espalha livrinhos de cordel e cada um quer pegar o seu para ler”.

O artista Beto de Meirus relembra seu encantamento pelo cordel, dizendo que “são aqueles versos, trazendo histórias feitas, romances. Aquilo sensibilizava nossa história. O cordel era vendido nas feiras, pendurados numas cordas, aquela seção de livros. Ali vinha o pavão misterioso, vinha fulano, vinha cicrano. E assim por diante. Histórias bonitas”.

Para Enivaldo é necessário reconhecer a literatura de cordel, que está inserida na cultura, como fonte primordial da sociedade, destacando que “a cultura é a base de um povo. Um povo que não preserva sua cultura, especialmente a cultura popular, não pode querer dar passos maiores, porque a sua história vai registrar que aquele povo não existe”.

A poetisa Gilmária Santos condena a falta de apoio aos artistas, que, por este motivo, não conseguem divulgar seu trabalho, e a pouca presença, quase nenhuma, da literatura de cordel nas escolas. Evidencia a ausência de atenção das crianças na escola, da dificuldade de leitura e, principalmente, da dificuldade de escrita, ratificando que o problema não está, apenas, na metodologia que o professor utiliza em suas aulas, mas na escola como um todo, mostrando que o cordel pode ser uma saída para tornar a aula mais atrativa, afirmando que, dessa maneira, a leitura e a escrita dos alunos iriam melhorar significativamente, sendo reflexo do desenvolvimento do educando, dentro e fora da sala de aula. A educadora ainda coloca que há nas escolas da região o hábito de valorizar a cultura de outras regiões, desprezando a cultura local.

Conclusão

Com esse trabalho, fica evidente que os artistas entrevistados possuem ampla trajetória relacionada à literatura de cordel. Esses poetas já produziram diversos textos, dos quais muitos ficaram perdidos por falta de oportunidade para publicação.

De toda forma, os cordelistas do sertão alagoano persistem em manter viva essa cultura, pois ela é o retrato da história de um povo, e a manifestação da arte tipicamente nordestina que traz consigo os valores e costumes passados de geração em geração.

As influências dos artistas, em sua maioria, foi mesmo familiar, e a literatura de cordel constitui uma herança passada de pai para filho, de avó para neto, permanecendo viva dentro das árvores genealógicas.

Pode-se dizer que ainda há artistas produzindo cordel no sertão de Alagoas que fazem parte de um grupo que busca manter viva a cultura de seu povo através dos folhetos que produzem e recitam. Eles foram influenciados principalmente pelos pais e avós, que tentaram passar de geração em geração o conhecimento da literatura popular.

O que falta é o reconhecimento por parte das autoridades competentes, valorizando os artistas ainda existentes e incentivando novos talentos a ingressarem na produção de cordéis. Falta espaço para que os poetas divulguem seus trabalhos. Não há um circuito de Feiras Literárias na região, não há meios de comunicação dispostos a disseminar a existência desse gênero literário no sertão de Alagoas.

Portanto, é necessário o estabelecimento de políticas públicas para a preservação da cultura popular, bem como meios que possibilitem a publicação e divulgação da arte produzida pelos poetas. Aliado a isso, é cabível, como forma de propagação, uma maior inserção da literatura de cordel no ambiente escolar porque essa também é uma arte que estimula o processo de alfabetização pelo prazer de ler e escrever algo que tenha sentido. É preciso também que sejam organizadas mais eventos que ofereçam espaço para que esse gênero fique mais em evidência.

Referências bibliográficas

- ALBUQUERQUE, Maria Elizabeth Baltar Carneiro de. Literatura Popular de Cordel: dos ciclos temáticos à classificação bibliográfica. Paraíba: UFPB, 2011. Disponível em: <http://bdtd.biblioteca.ufpb.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1925>. Acesso em: 15 fev. 2014.
- ALMEIDA, Socorro. Mundo, linguagem e literatura ao gosto popular: uma leitura para todos os níveis. Recife: Baraúna, 2004.
- ARANTES, Antônio Augusto. O trabalho e a fala. São Paulo: Kairós, 1982.
- BERND, Zilá; MIGOZZI, Jacques. (Orgs). Fronteiras do literário: literatura oral e popular



Brasil/França. Porto Alegre:Universidade/UFRGS, 1995.

JÚNIOR, Manuel Diégues. Ciclos temáticos na literatura de cordel. Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2012.

GUERREIRO, Manuel Viegas. Para a história da literatura popular portuguesa. Amadora (Port.): Oficinas Gráficas da Livraria Bertrand Venda Nova, 1978.

KOCHE, José Carlos. Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e iniciação a pesquisa. 24. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

LUYTEN, Joseph M. O que é literatura popular. 4. ed. São Paulo:Brasiliense, 1987.

SOUZA, Liêdo Maranhão de. Classificação popular da literatura de cordel: em texto integral de 23 folhetos. Petrópolis: Vozes, 1976.